timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO XI PREÇO AVULSO: 100$00 Nº 116 SETEMBRO 1995

CANSAÇO DE TIMOR LESTE

O mês de Setembro assistiu à mais generalizada onda de protestos que Timor Leste conheceu desde a sua ocupação pelo exército indonésio

Da fronteira à ponta leste, a população timorense saiu à rua, com os jovens à cabeça, a desafiar, durante dias, o poder do colonizador. Apesar do carácter espontâneo deste movimento, ele teve uma amplitude, do ponto de vista geográfico, como nunca antes se tinha observado no território. Esta sublevação teve uma consequência imediata: relançar o debate, entre as elites indonésias, sobre "*o que fazer de Timor Leste*".

A EXPLOSÃO

De acordo com um comunicado do CNRM (Conselho Nacional da Resistência Maubere) de 18 de Setembro, o rastilho desta revolta teria ocorrido na cadeia de Maliana no dia 2 de Setembro, onde um funcionário prisional indonésio, durante uma sessão de "orientação espiritual", teria tecido comentários sobre o catolicismo considerados injuriosos pelos católicos que os ouviram. Uma testemunha teria escrito ao *gobernur* Abílio Osório dando-lhe conta do sucedido. Como não tivesse havido qualquer reacção por parte deste, uma primeira manifestação ocorreu em Maliana que terminou em confrontos com as forças de segurança.

No dia seguinte, diz o comunicado do CNRM, em Viqueque, aonde entretanto tinham chegado os ecos dos acontecimentos da véspera, um polícia espancou o responsável de uma cooperativa local. Em cólera, populares queimaram os quiosques dos comerciantes oriundos de Macassar.

No dia 8 foi a explosão em Díli, com as autoridades a conseguir controlar a situação em certos bairros apenas ao cair da noite. "*No sábado 9, uma população em fúria, incendiou o mercado de Comoro onde o comércio é dominado pelos imigrantes*" (*Jakarta Post*, 11/9/95).

O *Jawa Pos* deste dia dá conta de manifestações em Maliana e Viqueque e ainda em Bobonaro e Uatolari, além da da capital. Diz que as acções partiram das escolas secundárias, onde os manifestantes, depois de espancarem alguns professores e colegas, saíram para a rua onde apedrejaram lojas e incendiaram viaturas e motorizadas da polícia. Conforme relata o jornal, os manifestantes mandavam parar os carros e perguntavam aos condutores a sua naturalidade, agredindo os que não eram timorenses (*Jawa Pos*, 9/9/95).

Segundo uma fonte da Resistência em Timor Leste, no dia 10 de Setembro os "*jovens incendiaram por completo o enorme mercado da vila* [de Manatuto]*; em Suai, onde também no dia 10, pelas 9 horas da noite, o mercado local foi parcialmente (a parte ocupada pelos indonésios) incendiado pelos jovens; em Uatolari, onde houve problemas entre católicos, protestantes e muçulmanos.*"

Um comunicado do comando militar de Udayana, que engloba aquela antiga colónia portuguesa, "*responsabilizou os cerca de 3.000 activistas da rede clandestina vivendo em Bali, Salatiga (Java Central), Malang (Java Oriental) e Jacarta, que são a favor de um Timor Leste independente*", pelos acontecimentos no território. De acordo com este comunicado, "*aqueles activistas (...) estão a tirar o melhor partido de sofisticada tecnologia de telecomunicações.*" (*Jakarta Post*, 11/9/95).

Tal como já tinha acontecido durante os confrontos em Baucau no início deste ano, também agora muitos indonésios abandonaram Timor Leste. O diário *Harian Kupang*, publicado no Timor indonésio, citando fontes militares, noticiou que perto de 1.000 transmigrantes tinham saído do território, dos quais 650 tinham procurado refúgio na parte ocidental da ilha (*Harian Kupang*, 15/9/95).

AS CULPAS DE SARA

A explosão em Timor Leste veio trazer à luz do dia as

neste número:

CANSAÇO DE TIMOR LESTE

DECLARAÇÃO DE GUERRA (QUASE)

TÁCTICAS DE BATIDA

crescentes inquietações da classe dominante indonésia perante aquilo que, aos olhos de alguns, começa a parecer um problema irresolúvel.

A reacção das autoridades foi a de despolitizar os acontecimentos. No seu encontro com a embaixadora dos EUA para as Nações Unidas, Madeleine Albright, o presidente Suharto teria afirmado que "*os distúrbios 'não eram políticos*". Alatas, que participou no encontro, disse no final aos jornalistas que eles, pela sua natureza, se incluíam no grupo SARA. "*Lamentamos que os tumultos tenham ocorrido mas como já foi explicado (...), a questão é do tipo SARA e não política*", disse (*Jakarta Post*, 12/9/95). SARA é o acrónimo indonésio para os conflitos de cariz étnico e religioso.

Esta posição foi imediatamente secundada, e reforçada, por certos sectores muçulmanos, com incitamentos a ajuste-de-contas religiosos. "*Não deixaremos que a minoria islâmica seja eliminada em Timor Leste. A comunidade islâmica tem sido demasiado paciente.*", escreveu Amien Rais, presidente de um movimento islâmico estimado em com mais de 15 milhões de membros e dirigente do ICMI (Associação Indonésia de Intelectuais Islâmicos), num jornal próximo desta associação, o *Ummat* (citado no *The Weekend Australia*, 24-25/9/95).

Num debate organizado na Universidade de Gadja Mada, em Yogyakarta, A. Rais acusou o governo de brandura e convidou-o a abandonar a sua postura defensiva em favor de uma ofensiva. Depois de acusar os timorenses de se comportarem como "*crianças mimadas*", disse: "*Devemos mudar de atitude e dar a essas crianças uma lição (...). Em vez de desperdiçarmos as nossas energias e o nosso dinheiro, estou de acordo com Muladi* [um outro professor daquela Universidade] *de que os deveríamos abandonar à sua sorte e deixá-los tornarem-se um pequeno Estado.*" (*Pikiran Rakyat*, 16/9/95).

TEMPO PARA REFLECTIR

Reacção diferente tiveram outros sectores da elite indonésia. "*Uma questão mais importante* [do que tentar escondê-la por detrás da SARA] *é a de ponderar porque continuam a ocorrer confrontos em Timor Leste com perturbadora regularidade, considerando o facto de que o governo continua a asssegurar-nos de que tudo vai bem em Timor Leste*", escreve o *Jakarta Post* no seu editorial de 11 de Setembro intitulado "*Tempo para Reflectir*", acrescentando: "*Tudo isto torna claro de que é mais do que tempo de fazermos um sério exame de consciência relativamente a Timor Leste.*"

Na sua edição de 28 de Setembro este jornal volta a dedicar o seu editorial ao problema."*Detectamos sinais da difusão de uma espécie de 'cansaço de Timor Leste' entre muitos indonésios. Perguntas como, por quanto mais tempo continuará o problema a perseguir-nos, ou, porque continua Timor Leste a ser uma chaga aberta mesmo depois de quase vinte anos de integração, são exemplos deste sentimento.*"

Depois de lembrar os investimentos que o governo tem feito no território, sem com isso conseguir conquistar a sua juventude e provocando ressentimentos por parte das populações das regiões mais pobres, depois de lembrar os custos em termos de imagem internacional, e as apreensões nos países vizinhos, que o problema tem trazido para a Indonésia, o editorialista propõe: "*Porque não promove o governo uma conferência, uma série de conferências se necessário, na qual todas as sensibilidades, incluindo intelectuais, dirigentes religiosos, oficiais das Forças Armadas, funcionários governamentais, parlamentares, dirigentes informais e outras figuras de destaque, possam ter uma discussão aberta e franca sobre como resolver o dilema de Timor Leste?*" (*Jakarta Post*, 28/9/95).

QUEM PERDE E QUEM GANHA

Comentando os violentos acontecimentos que têm varrido as ilhas de Flores, de população predominantemente católica, Paul Webb cita o testemunho de um padre católico em Maumere: "*Elementos da ABRI estão a tentar - e a conseguir - tornar os pobres suspeitos aos seus próprios olhos e a lutar uns contra os outros. Deste modo precisam de os 'pacificar' enquanto que a razão principal que está por detrás desta agitação é em grande parte esquecida. (...). Os tribunais são totalmente corruptos, economicamente a população é cada vez mais marginalizada, politicamente não têm voz, culturalmente têm vindo a ser silenciados. Assim, a Igreja tornou-se a última 'tribo', o último refúgio sobrevivente em que as pessoas acreditam, o corpo que expressa os seus valores e a sua dignidade. Perderam a fé nas outras esferas da vida e agora, a única fonte que lhes resta de identidade e dignidade, está a ser ridicularizada. E por isso reagem. (...). Estas mini-revoltas estão a ocorrer por toda a Indonésia. Infelizmente, os elementos da ABRI que estão a fomentar todos estes distúrbios, sabem como fazer. Em NTT* [sigla que designa a província indonésia que incluí as Flores e o Timor Ocidental] *optaram pela religião, ressuscitando assim o passado não-ecuménico (...). O fanatismo religioso e o fundamentalismo estão a crescer a olhos vistos. Quem perde? Os pobres. Quem ganha? Jacarta.*" (*reg.easttimor*, 17/9/95).

DECLARAÇÃO DE GUERRA (QUASE)

Segundo o *The Irish Times* de 27 de Setembro, Ali Alatas, o MNE da Indonésia, teria tido um comportamento muito agressivo para com o seu homólogo irlandês, Dick Spring, durante um encontro que os dois tiveram em Nova Iorque durante a 50ª sessão da Assembleia Geral da ONU e que acabou por durar uns breves minutos.

O que teria motivado este comportamento menos diplomático do ministro de Jacarta foi um artigo de opinião escrito por Spring e publicado naquele jornal, onde este criticava a actuação das autoridades indonésias em Timor Leste e defendia uma maior intervenção da comunidade internacional em favor do povo timorense (ver *Timor Leste* nº 115, Agosto 1995).

Alatas teria verberado o facto do MNE da Irlanda ter tornado público as suas críticas, coisa que, segundo ele, os outros MNE têm feito mas em privado.

"*O Ministro indonésio ofendeu-se com o modo como expus a minha opinião e a opinião do governo irlandês*", comentou Spring para os jornalistas. Questionado sobre se as relações entre os dois Estados poderiam ser afectadas por este incidente, o ministro disse: "*Nestas situações deixamos sempre a poeira poisar. Temos a nossa opinião, eles têm a deles.*"

Entretanto, em entrevista dada ao *The Irish Times* de 29, Alatas considerou a publicação do artigo de Spring "*quase como uma declaração de guerra.*"

TÁCTICAS DE BATIDA

Com data de 16 de Fevereiro de 1995, chegou ao exterior um documento do Conselho Executivo da Resistência Armada onde se abordam as tácticas usadas pelo exército indonésio em Timor Leste

"*Desde os princípios da década de 80* [que] *o inimigo faz campanhas de cerco e aniquilamento, apoiadas com bombardeamentos aéreos, marítimos e terrestes. Para além disso, também apoiadas pela população nas rusgas.*"

COLOCAÇÃO DAS FORÇAS NO TERRENO

"*Nos acessos principais que os guerrilheiros costumam utilizar, ali são colocadas as Forças* [indonésias]. *Nos acessos menos utilizados e nos que pensam ser utilizados para se escaparem do cerco, aí é colocada a população com um pequeno número de Forças. Depois de* [se] *colocarem lançam grupos a nível de pelotão, (...) que denominam de 'grupos de caça', para localizar os estacionamentos* [dos guerrilheiros] *ou desestabilizar, enquanto que um outro grupo à rectaguarda vai fazendo tiros, e um terceiro, que é o grosso, vai avançando fazendo também tiros e acompanhando com gritaria e toques de um instrumento feito de bambu, que antes se fazia para intimidar os macacos quando se aproximavam das hortas.*

De 83 a 87 a aplicação é a mesma, só que já não é apoiada pela população. (...).

De 87 a 90 para cá o inimigo tomou novas formas de batidas segundo os cálculos que faziam da existência de guerrilheiros. Porém, desconhecia a existência do número em cada região, assim como o material e os responsáveis chave. Desta forma, as batidas de grande envergadura são realizadas nas regiões onde há constantes acções dos guerrilheiros, assim como material capturado. O efectivo a aplicar é de 3 a 5 batalhões, para além destes estão também 2 ou 3 companhias de naturais armados, denominados de Alfas *(ultimamente mudou de nome,* Militarisasi*). Nas regiões onde há poucas acções assim como menos capturas é aplicado um efectivo menor que é de 1 a 3* [batalhões] *mais as companhias de naturais armados.*

A duração das batidas é de 1 a 2 meses. Depois de levantadas as batidas entram os grupos de contra-guerrilha que são feitos por (...) Comandos apoiados por naturais armados."

TÁCTICAS E SUAS FORMAS DE APLICAÇÃO

"**1** *- Nos primeiros momentos, depois de colocados em posição nas zonas ou áreas que pretendem bater, fazem tiros por um ou dois dias ou até semanas. Após isso, deslocam-se para outra zona ou área mas deixam ficar uma parte na zona ou área onde estavam. Estes que ficaram já não fazem tiros, enquanto que os que se deslocam para a outra área ou zona continuam com os tiros; assim sucessivamente, até percorrerem a área ou zona.*

2 - Ficam estacionados em posições e nestas fazem tiros, enquanto lançam grupos ou equipas em profundidade, à distância de 1 a 2 Km do estacionamento, fazendo também tiros. Entre o estacionamento e a equipa lançada está um outro grupo ou equipa muito caladinho.

3 - Aplicam o grosso [das forças] *numa determinada zona ou área deixando a outra livre. De entre a zona ou área ocupada e a zona ou área ainda livre estão grupos que embuscam os atalhos e acessos. Se tiver uma estrada entre a zona ocupada e a livre colocam ao longo da estrada os grupos. Exemplo: se está o grosso a bater o Sul, o Leste é livre e vice-versa; ou colocam o grosso no Leste e lançam equipas especiais para o Sul com o apoio dos Comandos e* Militarisasi *para criar instabilidade, obrigando-nos a ir para o grosso.*

4 - Colocadas as forças em posição começam a fazer tiros para darnos a entender que ali existem forças. Não fazem patrulhas e se fazem é só à distância de 100 a 200 m do estacionamento. Deste são lançados espiões para localizar os nossos estacionamentos. Quando são localizados regressam para fornecer os dados. Daí é que partem para nos assaltar, de dia ou à noite, dependendo das características do terreno, isto é, se é num matagal fazem essencialmente de dia mas se é em terreno descoberto fazem de dia ou de noite, dependendo já das condições enquanto que no matagal, até aqui, ainda não fizeram assaltos à noite. Depois de levantadas as batidas regressam para a vila ou para o campo onde está o comando do batalhão. Enquanto estão de descanso, entram os grupos de contra-guerrilha que são feitos pelos Comandos e os naturais armados (...). Estes grupos em tempos secos embuscam as nascentes, em tempos de chuva embuscam os atalhos que são utilizados pelos pequenos grupos nossos, isto é de ligação ou de patrulha."

MANOBRAS DE DIVERSÃO

"**1** *- Quando pretendem bater uma faixa ou zona partem da vila em viaturas para a zona onde não pretendem bater e ali são descarregados. Desta zona vão em frentes dando a entender que vão bater mas fazendo apenas passagem e vão directamente para a zona pretendida ou planeada. (...).*

2 - Depois de umas semanas de batida na zona ou faixa, levantam as batidas e convergem num dos campos de concentração da mesma. Neste, vão realizando festas e dizendo que vão embarcar levando consigo todas as bagagens, comprando kakatuas *e* salendas, *dando a entender à população que vão mesmo embarcar e assim partem em direcção a Lautém mas, antes de irem directamente, vão dando voltas à vila em tipo de despedida a toda a população e depois é que seguem à noite em direcção a Lautém. Entretanto, vão deixar as bagagens ou os artigos comprados no* Poskim [Posto de Comando Militar] *e regressam na mesma noite para a zona ou área em que estavam batendo, portanto vão rebater.*

3 - Quando pretendem bater as faixas litorais eles fazem estas mesmas manobras, isto é, se pretendem bater as áreas de Com e Tutuala vão de Lospalos e embarcam em Lautém ou Laga e dizendo que vão para Dili ou Bali e daí, no meio do mar, viram de rumo para Com e ali desembarcam a meio da noite e vão fazendo os possíveis para não serem vistos pela população. (...).

Para além das batidas, manobras e tácticas que fazem, tanto as forças do batalhão como os Comandos preparam elementos da população - ultimamente até mulheres - denominados de panas, *a quem são garantidos comer e algum dinheiro para virem nos localizar. Estes (...), não vão em grupos mas só saem quando toda a população*

é autorizada para evacuação ou produção de carne, assim como outros recursos. Nesta altura é que os ditos panas, *seja mulher ou homem, intercalam-se nos grupos que eles querem, aproveitando isso para localizar os nossos rastos ou vestígios. Depois de estes lhes fornecerem* [as informações] *é que saem para bater a faixa ou área em que viram vestígios ou pegadas. (...).*

Ultimamente estão adquirindo esta forma táctica: (...) os Comandos (...) preparam elementos naturais armados para contactarem connosco, apresentando de que querem também participar na luta contribuindo com dados militares e munições assim como com outros artigos, com prazos longos para podermos ter uma certa confiança. E estes, ao mesmo tempo, vêm acompanhando os nossos hábitos e quando acharem suficientes aí é que nos traíem. Nesta optam por duas vias, isto é, por via armada ou através de veneno. Se por via armada não lhes garantir maior sucesso ou até nada, vão pelo veneno através de comer, tabaco e vinho.(...)."

RECTIFICAÇÃO DE NOTÍCIA

Assinado pelo Dr. Zacarias da Costa, na sua qualidade de Vice-

Presidente da UDT, recebemos o seguinte fax:

"*O número 114 do vosso boletim, do passado mês de Julho, no artigo intitulado 'ONU: Colonialismo Denunciado' (última página) faz referência à presença das organizações políticas timorenses presentes em Nova Iorque na última sessão do Comité Especial de Descolonização das Nações Unidas.*

Sempre respeitei e considerei o trabalho das ONG's e Grupos de Solidariedade em prol da luta do Povo de Timor, particularmente pela sua imparcialidade. Por isso, quero crer que o facto de o mesmo boletim não se ter referido à presença da UDT - União Democrática Timorense, teria sido apenas ou por esquecimento, ou por desconhecimento.

De facto, a UDT também esteve presente através da minha pessoa, tendo sido, aliás, o primeiro peticionário a intervir.

Esperando com isso esclarecer e rectificar a informação veiculada por V.Ex.cias, queiram aceitar os nossos melhores cumprimentos."

Foi, na verdade, desconhecimento da nossa parte, de que apresentamos desculpas à UDT e ao Dr. Zacarias da Costa.

TIMOR: TRANSFERÊNCIA DE PRESOS

De acordo com um fax enviado para uma organização de solidariedade

australiana e assinado por Resistência da Juventude Timorense, as autoridades indonésias de Timor Leste estariam a preparar a transferência de cerca de 90 presos políticos da cadeia de Becora, em Díli, para outras prisões na Indonésia, sendo referidos Ambon ou, em alternativa, Java.

Entre os presos a transferir incluir-se-iam Henrique Belmiro, o enfermeiro Matias Gouveia e o estudante José António Belo. Ainda segundo o fax, esta decisão das autoridades coloniais integrar-se-ia na preparação da visita do Alto Comissário da ONU para os Direitos Humanos, Jose Ayala Lasso, que deverá visitar Timor Leste em Novembro.

Entretanto, o julgamento de Henrique da Costa, um timorense acusado de ter servido como motorista do Comandante Xanana Gusmão antes da prisão deste, foi mais uma vez adiado. Segundo o *Jakarta Post* (16/9/95), citando a agência *Antara*, o adiamento foi provocado por doença do réu e por as condições de segurança em Díli não serem as melhores, depois dos acontecimentos de 8 e 9 de Setembro. "*É impossível julgar um réu doente*", disse o delegado do Ministério Público."*Além disso, a segurança não nos permite fazê-lo de momento. O acusado é ajudante de Xanana, que tem fervorosos apoiantes na área*", acrescentou.

NORUEGA: APREENSÃO

A Primeira-Ministro norueguesa, Gro Brundtland, aproveitou

o seu encontro no dia 18 de Setembro, em Jacarta, com o Presidente Suharto para levantar o problema de Timor Leste.

Conforme declarou aos jornalistas no final, a PM da Noruega tentou transmitir ao presidente indonésio a sua "*apreensão*" pela situação vivida no território e "*a importância de ser alcançada uma solução que, tanto a comunidade internacional como a Indonésia e Portugal, possam acordar*".

INDONÉSIA: IMPRENSA

No dia 1 de Setembro um tribunal de Jacarta condenou Ahmad

Taufik e Eko Maryadi, respectivamente o presidente e um sócio da Aliança dos Jornalistas Independentes (AJI), a 32 meses de cadeia por expressarem sentimentos de hostilidade para com o governo da Indonésia. No dia 11, foi a vez de Tri Agus Susanto ser condenado a 24 meses de prisão por insultar o governo. Tri Agus era o editor chefe do *Kabar Dari Pijar*, o jornal da ONG Pijar da qual é um dos fundadores.

Entretanto, foi publicado na Austrália o livro do jornalista indonésio Seno Gumira Ajidarma, "Testemunha Ocular", um conjunto de 12 histórias construídas a partir da realidade vivida em Timor Leste. Ajidarma era o editor da revista *Jakarta, Jakarta* quando se deu o massacre de Santa Cruz. Tendo visto as imagens vídeo do massacre decidiu enviar dois jornalistas para Díli. As reportagens então publicadas puseram em causa a versão governamental e valeram-lhe o ser despedido da revista. "*Quando o jornalismo é amordaçado, a literatura deve falar, porque enquanto o jornalismo se baseia em factos a literatura baseia-se na verdade*", comentou Ajidarma aquando do lançamento do seu livro (*AP*, 28/9/95).

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-3º E, 1050 Lisboa, Tel.: 352 8718, Fax: 353 4009
E-mail: cdpm@gn.apc.org IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317